

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 63

Data: 20/08/72

Pg.: _____

Agora, coragem e paciência

Em 15 de julho de 1967, os kranhacôcore se aproximaram do Destacamento da FAB em Cachimbo. Os militares se assustaram com a presença de um grande número de selvagens na pista de pouso e os afugentaram com tiros e vôos rasantes de um C-47. Em 25 de maio de 1972 os mesmos índios se defrontaram com um topógrafo do 9.º Batalhão de Engenharia de Construção, no traçado da BR-165, Cuiabá-Santarém. Parece que houve susto de ambos os lados e o encontro acabou numa troca de tiros e flechadas. Entre um incidente e outro os kranhacôcore devem ter levado outros tiros de caçadores de peles, garimpeiros e outros brancos que se aventuraram na região compreendida entre a serra do Cachimbo e os rios Teles Pires e Peixoto de Azevedo, no Norte de Mato Grosso.

Depois de tudo isso, como é que eles vão interpretar a investida de outros brancos em seus territórios? Como pode uma expedição mostrar — sem palavras, nem sinais convencionados — que tem intenções pacíficas e só pretende dar a eles proteção contra os outros brancos mal intencionados que certamente virão pela rodovia que está sendo aberta no meio das selvas?

É impossível desfazer de uma hora para outra o ódio — talvez secular — desses índios contra os brancos. É muito difícil fazer que eles entendam os sinais de amizade e boas intenções da expedição. Esses índios já viveram séculos sem querer amizade nem mesmo com outras tribos vizinhas do mesmo grupo étnico. Não sabem nem mesmo cozinhar, pois não conhecem a cerâmica e seus alimentos são assados ou moqueados na fogueira. Entretanto, não parecem estar interessados ou mesmo dispostos a receber ajuda nem de outras tribos mais adiantadas e muito menos dos brancos. São autosuficientes. Dispõem de 56 roças bem plantadas, com muito milho, mandioca, amendoim, batata-doce, abóbora, inhame, urucum e algodão. A caça é fartá e a pesca mais ainda. Que mais

eles precisam para serem felizes? Para que vão admitir a interferência de estranhos na sua vida tão tranquila?

A aproximação espontânea desses índios ao Destacamento de Cachimbo ou aos acampamentos da expedição da Funai e dos trabalhadores do 9.º BEC é justificada pela natural curiosidade que têm em saber quem são os estranhos que estão invadindo seus territórios. Com muita habilidade, essas aproximações já poderiam ter sido transformadas em contatos amistosos. Entretanto essa habilidade não houve nas duas únicas vezes em que os kranhacôcore foram vistos a pequena distância e os índios foram repelidos a tiros, em suas próprias terras.

MUITO CUIDADO

Devido a todos esses problemas, o trabalho de atração dos kranhacôcores pode ser considerado como um dos mais difíceis já feitos até agora no Brasil. Além da coragem, é necessário ter muita paciência para se obter o primeiro contato pacífico. O trabalho de aproximação tem de ser feito com muito cuidado para que a expedição não se arrisque a ser flechada de uma hora para outra e também para que os selvagens não se atemorizem com a invasão de estranhos e fujam, abandonando suas plantações, espalhando-se pelas selvas sem muita chance de sobrevivência para as crianças da tribo que sofrem muito com essas caminhadas pela mata e ficam privadas de sua alimentação básica que é constituída de peixes e dos produtos das roças.

Esse trabalho não poderia ser feito às pressas, mas há necessidade dele ser executado urgentemente, pois até o final do ano as máquinas de terraplenagem já deverão estar cortando o território indígena e talvez dentro de mais um ano a Cuiabá-Santarém já esteja sendo entregue ao tráfego.

Enquanto as máquinas avançam uma média de quase três quilômetros por dia, os sertanistas são obrigados a se limitarem ao paciente trabalho de colocar presentes nas trilhas dos índios e esperar que eles venham retirá-los, retribuindo ou não. Esse trabalho já dura quase oito meses e ninguém

sabe prever quando será o contato.

Apesar de ansiosamente aguardado, o contato pacífico com os kranhacôcore não é o fim do trabalho dos sertanistas, não é ainda a solução para os problemas do avanço da estrada, nem da garantia de sobrevivência desses índios.

O contato será apenas o começo de um trabalho ainda muito mais difícil: fazer os kranhacôcore entenderem que suas terras foram definitivamente violadas; que irremediavelmente os brancos — bons e maus — vão transitar pela estrada trazendo doenças e muitas coisas que os índios vão cobigar e que para obtê-las poderão pagar o preço da desagregação de seu grupo, da prostituição de suas filhas e mulheres, da fome e até mesmo da extinção de toda a tribo.

Como alternativa os kranhacôcore só terão duas coisas a fazer: aceitar serem transferidos para o Parque Nacional do Xingu, onde terão de conviver pacificamente com outros in-

díios que até agora são seus inimigos, ou continuarem vivendo em suas terras, numa reserva que se pretende criar a oeste da nova rodovia, mas com muito cuidado para não se aproximarem dos homens que transitarão por ela.